

## CAPÍTULO OITO

### O REFLEXO DA ALIENAÇÃO E A BUSCA PELA TOTALIDADE DO NARRADOR HERDEIRO NA OBRA *ANGÚSTIA*, DE GRACILIANO RAMOS

---

FÁBIO H P S BORGES

Doutorando em Literatura (Universidade de Brasília),  
Mestre em Políticas Públicas para a Infância e Juventude

Universidade de Brasília)

E-mail: borgesf040@gmail.com

DOI 10.56372/desleiturav12i12.188

**Resumo:** Este artigo mergulha nas profundezas de *Angústia*, de Graciliano Ramos, com o intuito de desvelar a intrínseca relação entre a alienação do narrador-herdeiro e sua incessante busca pela totalidade. A lente metodológica adotada é a dialética lukacsiana, que me permite perscrutar a obra para além de sua superfície narrativa. O objetivo geral é, portanto, analisar *Angústia* sob a ótica de Lukács, enfocando a tipicidade e a totalidade, e o conceito de “narrador herdeiro”. O romance, em sua estética literária singular, é o corpus de análise, revelando os intrincados aspectos sociais e psicológicos que moldam a linguagem de Graciliano. No tecido denso da narrativa, as personagens centrais – Luís da Silva, Marina e Julião Tavares – emergem como exemplares da tipicidade, refletindo as contradições de uma sociedade em desintegração. A totalidade, aqui, não se manifesta como uma completude alcançada, mas como um anseio constante, um horizonte utópico que o narrador herdeiro alienado tenta desesperadamente recompor em seu fragmentado mundo interior. Em suma, esta análise busca elucidar como a obra de Graciliano Ramos, através da minuciosa construção de suas personagens e de sua tessitura romanesca, expõe a dolorosa busca pela unidade em um mundo dilacerado pela alienação, reiterando a universalidade das inquietações humanas diante da fragmentação existencial.

**Palavras-chave:** Narrador herdeiro. Totalidade. Tipicidade. *Angústia*. Graciliano Ramos.

**Abstract:** This article delves into the depths of Graciliano Ramos's *Angústia*, aiming to unveil the intrinsic relationship between the narrator-heir's alienation and his relentless quest for totality. The methodological lens adopted is Lukácsian dialectics, which allows me to examine the work beyond its narrative surface. The overall objective is, therefore, to analyze *Angústia* from Lukács's perspective, focusing on typicality and totality, and the concept of the narrator-heir. The novel, with its singular literary aesthetic, serves as the corpus of analysis, revealing the intricate social and psychological aspects that shape Graciliano's language. Within the dense fabric of the narrative, the central characters – Luís da Silva, Marina, and Julião Tavares – emerge as exemplars of typicality, reflecting the contradictions of a disintegrating society. Totality, here, does not manifest itself as an achieved completeness, but as a constant yearning, a utopian horizon that the alienated narrator desperately tries to reconstruct in his fragmented inner world. In short, this analysis seeks to elucidate how Graciliano Ramos's work, through the meticulous construction of his characters and his novelistic fabric, exposes the painful search for unity in a world torn apart by alienation, reiterating the universality of human concerns in the face of existential fragmentation.

**Keywords:** Narrator inheritor. Totality. Typicality. *Angústia*. Graciliano Ramos.

## INTRODUÇÃO

A única dimensão autêntica do ser escritor é ser escritor latino-americano, e são os valores peculiares dessa situação que determinam os restantes, universais, e não o contrário.

[ Rama ]

*Angústia* insere-se em um momento crucial da literatura brasileira, marcado pela ascensão do romance de 30 e sua profunda imersão nas questões sociais e psicológicas do indivíduo. Graciliano Ramos, como um indiscutível escritor latino-americano, com sua prosa concisa, direta e cortante, distancia-se do lirismo romântico, do formalismo e do naturalismo determinista (biológico e/ou social), adentrando as camadas mais íntimas da consciência de seus personagens.

A obra apresenta Luís da Silva, que é um “narrador herdeiro” e protagonista do romance, um funcionário público de baixa patente e escritor frustrado, que se vê marginalizado, preso a uma rotina burocrática e desprovida de significado. Seu trabalho não lhe oferece nenhuma realização pessoal ou a oportunidade de expressar suas potencialidades. Essa falta de conexão com o produto de seu trabalho e com o próprio ato de criar o aliena de sua própria humanidade, transformando-o em uma engrenagem insignificante dentro de um sistema maior. É, pois, um indivíduo atormentado por inseguranças e uma profunda sensação de inadequação. Sua complexidade reside na incessante introspecção e na relação conturbada com o mundo ao seu redor. Sua narrativa fragmentada nos convida a acompanhar a espiral descendente de sua psiquê.

Entendo **narrador herdeiro**, enquanto epistemologia positiva para este artigo, como aquele ente literário (narrador-protagonista) que descende de uma posição de privilégio, com prerrogativas e vantagens socioeconômicas, simbolizando, em tese, o esteio aristocrático e coronelista de uma oligarquia latifun-

diária-escravagista, como o herdeiro de um *status quo*, em *locus* de hegemonia e poder, ainda que perdido e/ou decorativo.

Em face, pretendo explorar essa densa tapeçaria humana de *Angústia* sob a lente arguta da crítica literária lukacsiana e pelo prisma do narrador herdeiro, forjado este como epíteto de poder e representante da estrutura. Neste artigo debruçarei sobre recônditos psicológicos de Marina e Luís da Silva, buscando desvendar como suas trajetórias e a complexa teia de relações que os envolvem ecoam os conceitos centrais da estética realista de György Lukács. Ao perscrutar a alienação, a reificação e a busca (muitas vezes frustrada) por totalidade desses personagens, almejo, ademais, lançar luz sobre a maestria com que Graciliano Ramos captura a essência da condição humana em um contexto social específico, dando enfoque à condição desse narrador herdeiro.

A perspectiva metodológica lukacsiana, com sua ênfase na totalidade, na mediação e na relação dialética entre o indivíduo e o contexto social, oferece um arcabouço teórico e epistemológico robusto para a minha análise de *Angústia*. Para Lukács, influenciado pelo marxismo, a grande arte realista tem a capacidade de revelar as contradições inerentes à realidade social, apresentando personagens complexos e multifacetados, cujas ações são moldadas por forças históricas e sociais mais amplas.

Evidencio, ao longo do artigo, que essa obra literária não é um mero reflexo inerte da realidade, mas uma reelaboração artística que busca apreender a totalidade do ser social em suas nuances subjetivas. Ou seja, apresenta a característica de um romance intimista, de tamanha profundidade psicológica e soliloquista (um vai e vem temporalmente em fluxo de consciência e, por vezes, caótico, preso a uma reminiscência infinda e instável), ainda que também de cunho social<sup>1</sup>. Conceitos como totalidade,

---

1 Assumo que o **romance social** “é a superação do otimismo patriótico e a adoção de um tipo de pessimismo diferente do que ocorria na ficção naturalista. Enquanto este focalizava o homem pobre como elemento refratário ao progresso, eles desvendam a situação na sua complexidade, voltando-se contra as classes dominantes e vendo na degradação do homem uma consequência da espoliação econômica, não do seu destino individual” (Candido, 1989, p. 160).

mediação, tipicidade e objetivação são centrais para a compreensão de sua estética.

## A IMERSÃO NO UNIVERSO ALIENADO DO NARRADOR HERDEIRO: TOTALIDADE E TIPICIDADE

Neste capítulo, busco catalisar que a obra não se perfaz apenas nos recônditos obscuros e fantasmagóricos da exploração da psicologia individual; ela também lança luz sobre as forças sociais que moldam as experiências e os destinos de seus personagens, principalmente no que tange às travessias desse narrador herdeiro. A Maceió da década de 1930, ambientação da obra, é uma cidade marcada por desigualdades sociais, por uma elite decadente (por que não fascista) e por uma massa de desempregados e marginalizados (mocambeiros). Esse ambiente opressor e sufocante contribui para a sensação de desesperança e de falta de perspectivas que assola Luís da Silva.

A insegurança desse narrador herdeiro pode ser relacionada a um sentimento de deslocamento social e à dificuldade de encontrar um lugar estável em um contexto marcado por desigualdades e hierarquias. “Naquele espaço de dez metros formam-se várias sociedades com caracteres perfeitamente definidos, muito distanciadas. A mesa a que me sento fica ao pé da vitrina dos cigarros” (Ramos, 2024, p. 20). Embora possua alguma erudição e aspirações literárias (fruto de sua “herança”), a condição financeira e social de Luís é, respectivamente, precária e subalterna, comprovada no trecho acima que sugere as disparidades de classe. Ele representa a figura do homem comum, de classe média baixa urbana, que se sente aprisionado em uma rotina fastidiosa e sem perspectivas. Sua cultura se dá como autodidata, um leitor voraz que, não obstante, não consegue transformar seu conhecimento em sucesso ou satisfação.

Lukács, por exemplo, defendia que a literatura realista deve ser capaz de revelar as determinações sociais que moldam a vida dos indivíduos...

Todo conhecimento das relações sociais é abstrato e desinteressante, do ponto de vista da narrativa, se não se torna o momento fundamental e unificador da ação; toda descrição das coisas e das situações é algo morto e vazio se é descrição apenas de um simples espectador, e não momento ativo ou retardador da ação. [...] Se se trata de representar a relação real do homem com a sociedade e a natureza (ou seja, não apenas a consciência que o homem tem dessas relações, mas o próprio ser que é o fundamento desta consciência, em sua conexão dialética com esta última), o único caminho adequado é a figuração da ação (Lukács, 2009, p. 205).

Em *Angústia*, Graciliano Ramos demonstra, através da “figuração da ação”<sup>2</sup>, como o contexto social, com suas injustiças e desigualdades, pode gerar angústia, frustração e violência. A obra não se limita a retratar um caso individual de obsessão e loucura, mas revela como as estruturas sociais podem oprimir e alienar os indivíduos.

Portanto, a linguagem concisa e pulverizada de Graciliano Ramos é um elemento fulcral na construção da atmosfera de angústia e alienação que permeia a obra. A sintaxe muitas vezes truncada, as repetições obsessivas e o fluxo de consciência caótico do narrador herdeiro refletem seu estado mental perturbado e sua dificuldade de se conectar com o mundo exterior de forma coerente. Quer dizer, o monólogo interior de Luís da Silva, marcado por repetições, digressões e saltos temporais, revela sua mente perturbada e sua dificuldade de se conectar com a realidade.

Ao partirmos para uma análise mais específica, percebemos que a dinâmica entre Luís e Marina ilustra a complexa dialética entre a alienação imposta e a busca, por vezes tênue, por independência e autonomia. Luís, imerso em sua subjetividade doentia e neurótica, não consegue reconhecer a alteridade de Marina, tratando-a como uma extensão de seus próprios desejos e inseguranças, como um objeto de consumo (um troféu) e escape do seu va-

---

2 Na arquitetura lukacsiana do **romance**, a **figuração da ação** transcende a mera cronologia de eventos para se revelar como um movimento intrínseco de construção de **sentido**. É no cadinho das **escolhas**, das **buscas incessantes** e das **frustrações pungentes** do herói que uma precária, por vezes apenas subjetiva, **totalidade** se erige. Longe da epopeia, onde a ação ecoa uma ordem cósmica preestabelecida ou a vontade inquestionável dos deuses, o romance desvela uma outra melodia.

zio existencial, um estratagema para cobrir sua própria falta, para satisfazer seus anseios egocêntricos, pois não consegue enxergá-la para além de suas próprias projeções neuróticas, aprisionando ambos em uma dinâmica destrutiva. Essa reificação da figura feminina é uma manifestação da alienação que permeia as relações interpessoais do narrador herdeiro. Tal dinâmica de poder desigual e de objetificação mútua é sintomática de uma sociedade que promove a competição, o individualismo e a instrumentalização das relações.

Lukács via na coisificação das relações humanas um dos males do capitalismo: “A crescente onda da reificação capitalista, a estandardização do modo de vida e o nivelamento do indivíduo geram, no âmbito do romance realista, as mais variadas formas de expressão do protesto subjetivo.” (Lukács, 2009, p. 220). Em *Angústia*, essa coisificação se manifesta na forma como Luís da Silva se relaciona com Marina, mas também em outras relações presentes na obra. Em uma sociedade em que tudo se torna mercadoria, inclusive as pessoas, os indivíduos perdem sua capacidade de se relacionar de forma autêntica e de reconhecer a humanidade do outro.

No entanto, uma leitura atenta da obra revela nuances que transcendem essa objetivação inicial, porquanto a narrativa de Graciliano não se limita a apresentar vítimas estritamente passivas e complacentes. Se, por um lado, Marina parece ceder às pressões sociais e às convenções da época, ou mesmo sob o peso da obsessão de Luís, por outro, manifesta momentos de insatisfação, emancipação e de busca por outras formas de relacionamento. Sua escolha por Julião Tavares, por exemplo, embora possa ser vista como uma postura arrivista, também pode ser interpretada como uma tentativa de escapar do sufocamento social e de encontrar um espaço de maior liberdade e reconhecimento.

Observemos, adiante, a relação fissurada e projetiva (psicanaliticamente) entre Luís e Julião Tavares, um rapaz rico, bem-sucedido, epíteto do coronelismo e aparentemente seguro de si em meio a sua arrogância, intensifica a angústia de Luís ao personificar o ideal de masculinidade hegemônica que ele não consegue

alcançar. Em decorrência, a comparação constante e desfavorável contribui para a erosão de sua autoestima e para o desenvolvimento de seus sentimentos de inveja e ressentimento. Nesse sentido, a obra dialoga com a crítica lukacsiana ao individualismo burguês, que isola o indivíduo e o impede de reconhecer sua interconexão com o tecido social.

Ao refletirmos sobre o grande ato final (tramado em sua dubiedade), com o narrador herdeiro em ação, o assassinato de Julião, não obstante configure-se um (f)ato de violência extrema e desesperado, pode ser visto, paradoxalmente, como um limite à sua passividade. É uma erupção de uma raiva acumulada, uma tentativa distorcida de romper com a sensação de impotência que o acomete. Esse ato revela, sumamente, a pressão insuportável da alienação e a necessidade visceral de escapar dela.

Embora não haja um capítulo específico nomeado “O Assassinato” (o que seria demasiadamente clichê, nada concernente ao enredo cíclico e à linguagem fraturada e caótica, pensando-se na proposta de Graciliano), o clímax da perseguição e do ato em si se encontra na parte final do livro, especialmente no capítulo que descreve o seguimento de Julião Tavares e o desfecho do plano (mental e idealizado) de Luís da Silva.

Um dos trechos mais diretos e impactantes que sugerem o assassinato e descrevem o ato, vindo da perspectiva alucinada e fragmentada de Luís da Silva, é:

Retirei a corda do bolso e em alguns saltos, silenciosos como os das onças de José Baía, estava ao pé de Julião Tavares. Tudo isso é absurdo, é incrível, mas realizou-se naturalmente. A corda enlaçou o pescoço do homem, e as minhas mãos apertadas afastaram-se. Houve uma luta rápida, um gorgolejo, braços a debater-se. Exatamente o que eu havia imaginado. O corpo de Julião Tavares ora tombava para frente e ameaçava tombar-me, ora se inclinava para trás e queria cair em cima de mim (Ramos, 2024, p. 176-177).

É importante notar que, como a narrativa é em primeira pessoa e Luís da Silva é um narrador herdeiro não confiável, com

sua mente em constante delírio e autoengano, a descrição do crime é permeada por essa subjetividade. Ele tenta, inclusive, simular um suicídio para Julião Tavares, mostrando o grau de seu desvario e a tentativa de “dar um fim” à sua própria angústia, mesmo que isso signifique o crime. Esse momento representa o ápice da sua angústia e o ponto de não retorno para Luís da Silva, que se vê ainda mais aprisionado por suas memórias e pela culpa, embora nunca tenha sido pego pelo “crime”.

Dessa monta, o narrador herdeiro personifica a experiência da alienação em sua forma mais aguda. Sua insegurança congênita e a constante comparação com figuras masculinas que ele idealiza o aprisionam em um ciclo de autodepreciação, caracterizando-se como um personagem marcado pela instabilidade emocional e pela dificuldade de se inserir no mundo social. Sua visão de mundo é distorcida por seus sentimentos de inferioridade e insegurança. A incapacidade de Luís de se integrar plenamente ao mundo social, de estabelecer laços autênticos e de se reconhecer como sujeito pleno o conduz a uma crescente fragmentação interior.

Para apurar ainda mais a discussão, sob o prisma lukacsiano, no cerne da relação entre o narrador herdeiro e outros personagens centrais, verso acerca de dois conceitos indispensáveis: tipicidade e totalidade.

## A TIPICIDADE COMO REVELAÇÃO EM ANGÚSTIA

A **tipicidade**, consoante a luzidia lente lukacsiana, transcende a mera catalogação de caracteres para adentrar o cerne da verossimilhança dialética. Não se trata de desenhar caricaturas ou médias estatísticas, mas de forjar indivíduos tão concretos e singulares que, em suas fibras mais íntimas, pulsam as contradições essenciais de seu tempo e espaço social. Quer dizer, “o personagem é típico não porque é a média estatística das propriedades individuais de um certo estrato de pessoas, mas porque nele – em seu caráter e em seu destino – manifestam-se as características objetivas, historicamente típicas de sua classe” (Lukács, 2009, p. 211). Em *Angústia*, Gra-

ciliano Ramos, com sua prosa de feição realista e lixadeira, não nos entrega personagens, mas sim microcosmos onde as formas sociais se espelham e se retorcem. Luís da Silva, Marina e Julião Tavares não são apenas figuras literárias; são, em sua carne e em seu desespero, os gritos e os silêncios de uma época.

Luís da Silva, o narrador herdeiro de sua própria angústia, é a epítome da tipicidade do intelectual urbano em processo de desintegração, sobretudo de um herdeiro de uma linhagem oligárquica. Sua singularidade reside na obsessão neurótica, no fluxo caótico de pensamentos e na incapacidade de agir, mas essa singularidade é o espelho distorcido de uma condição social mais abrangente. Ele encarna a pequena burguesia em crise, asfixiada pela modernidade incipiente e pelas promessas não cumpridas de ascensão. A sua mente, um labirinto onde memórias e frustrações se entrelaçam, é um palco para as tensões sociais.

Veja como sua voz, um eco de sua própria submissão e ressentimento, ressoa uma tipicidade de impotência: “Esta vida monótona, agarrada à banca das nove horas ao meio-dia e das duas às cinco, é estúpida. Vida de sururu. Estúpida.” (Ramos, 2024, p. 7). Aqui, a “vida monótona” não é apenas um traço individual; é a metáfora da paralisia social de uma camada que vê seus ideais naufragarem. Ele é o homem comum que, em sua peculiaridade, manifesta a fragilidade do indivíduo perante estruturas sociais impiedosas: “quanto mais me vejo rodeado mais me isolo e entristeço” (*op. cit.*, p. 119). Sua angústia não é privada; é um sintoma social concretizado em uma existência singular.

Marina, a força que irrompe e desorganiza o mundo de Luís, é uma figura tragicomicamente típica da mulher em busca de sobrevivência e ascensão em um ambiente urbano marcado pela objetificação. Sua tipicidade não se assemelha a um “tipo de mulher fácil” ou à generalidade da “mulher do povo”. Ao contrário, ela é uma mulher concreta, com seus desejos, suas ingenuidades e suas astúcias, que se vê enredada nas teias de uma sociedade que a instrumentaliza e mercantiliza.

Dessarte, sua figura desenha a verossimilhança da busca por segurança em um cenário de precariedade, onde o corpo e o afeto

se tornam moeda de troca e influência. A descrição de Marina, que tanto atrai e repele Luís, revela essa materialidade: “Olhando-a de cima para baixo, via-lhe os seios, que subiam e desciam, as coxas, a curva dos quadris” (*op. cit.*, p. 57); e indo além destaca seu desejo à boa vida, iludida em promessas “invejava as meias de seda e os vestidos de d. Mercedes. Agora tinha tudo: meias, vestidos, um filho no bucho, um filho que sairia gordo, bochechudo e safado, como o pai [...]” (*op. cit.*, p. 130).

Essa promessa que se esfarela, essa busca por uma “boa vida” que a conduz à tragédia, é um traço típico da mulher oprimida pelas convenções e pela economia. Marina, em sua singularidade, espelha o destino de tantas que foram moldadas e esmagadas pelas engrenagens de uma sociedade machista e classista<sup>3</sup>.

Já Julião Tavares é a materialização do poder bruto e da ausência de empatia. Sua tipicidade reside na forma como ele encarna o “coronel” em sua versão urbana – não mais, ou somente, o senhor de terras, mas o homem que detém o capital e o prestígio, exercendo sua dominação sem freios e receios morais. Ressalto que ele não é um vilão de opereta; é a figuração concreta da violência e da corrupção que permeiam as relações sociais.

Sua presença imponente e sua capacidade de subjugar se manifestam na forma como ele se impõe aos outros, principalmente a Luís da Silva e Marina: “Era um sujeito gordo, vermelho, risonho, patriota, falador e escrevedor. No relógio oficial, nos cafés e noutros lugares frequentados cumprimentava-me de longe, fingindo superioridade” (*op. cit.*, p. 39).

Essa “força intimidadora”, essa certeza da “razão e do direito da dominação” que ele personifica, não é apenas um traço de caráter individual; é a projeção do poder arbitrário e da violência

---

3 Em manifestação, paradoxalmente, monológica e dialógica, Marina, no momento em que aborda a gravidez com D. Adélia, expurga um sentimento de “culpa”, “remorso” e “ódio” (até inconsciente ao sistema), de cunho individual e, ao mesmo tempo, coletivo, como é possível perceber neste trecho: “Coitadinha! Não via, não sabia. Tão inocente! Agora já sabe. Pois é. Escangalhada, com um filho na barriga. Não faça essa carinha de santa não. É o que lhe digo. Estou mentindo? Arrombada com um moleque no bucho. Não quer ouvir não? Tape os ouvidos.” (Ramos, 2024, p. 128).

estrutural: “Diante dele eu me sentia estúpido. Sorria, esfregava as mãos com esta covardia que a vida áspera me deu e não encontrava uma palavra para dizer” (*op. cit.*, p. 44). Julião, em sua arrogância, aleivosia e dominação, é o tipo do opressor que transita livremente na sociedade, agindo como um agente da angústia que se espalha, confirmando, pois, a verossimilhança da brutalidade que Lukács vê na representação realista.

A tipicidade em *Angústia*, portanto, não simplifica, mas complexifica. Ela nos convida a ver em Luís da Silva a crise do indivíduo moderno inerte ao capital, em Marina a vulnerabilidade da mulher em uma sociedade de consumo e poder, e em Julião Tavares a face opressora do capital (ainda provinciano). “A criação de personagens típicos (e de situações típicas) significa, portanto, a figuração concreta das formas sociais [...]” (Lukács, 2009, p. 208). Instiga-me como Graciliano Ramos, ao construir esses personagens com tal minúcia e densidade, eleva-os de meras figuras a símbolos vivos das contradições de sua era, comprovando a verossimilhança<sup>4</sup> de suas formas sociais e a profundidade do realismo.

## A TEIA DA TOTALIDADE EM ANGÚSTIA

Em sua profunda imersão no realismo literário, Lukács postula a **totalidade** não como uma soma de partes, mas como a intrínseca interconexão de todos os elementos de uma obra, que juntos revelam a essência de uma dada realidade social e histórica. “Isso significa não somente figurar as relações recíprocas entre os homens, mas também as coisas, as instituições etc., que mediatizam estas relações dos homens entre si e com a natureza” (Lukács, 2009, p. 211). É a capacidade da arte de apreender a complexa rede

---

<sup>4</sup> Ressalto termos cuidado ao enveredarmos pela verossimilhança como um conceito “elementar” do realismo, uma vez que seu entendimento não é visto de modo restrito pelo viés de Lukács: “o realismo na acepção lukacsiana não é incompatível com modos de figuração que se distanciam da representação da vida cotidiana baseada na verossimilhança externa, podendo incluir também elementos fantásticos – desde que o fantástico se articule à figuração das peculiaridades do momento histórico.” (Otsuka, 2010, p. 41).

de relações – econômicas, sociais, psicológicas, ideológicas – que moldam a existência humana em um determinado momento.

Em *Angústia*, Graciliano Ramos não apenas nos apresenta personagens; ele tece um universo coeso onde cada indivíduo e cada evento são nós essenciais de uma grande teia que desvela a angústia de um tempo. Através do narrador herdeiro Luís da Silva, de Marina e de Julião Tavares, a obra constrói uma totalidade que é, simultaneamente, fragmentada na mente do protagonista e completa na visão do leitor.

Iniciemos pelo protagonista... o narrador herdeiro Luís da Silva é o epicentro onde as múltiplas dimensões da totalidade se encontram e se chocam. Sua mente – um palimpsesto de memórias, frustrações e ressentimentos – reflete a crise de uma época. Ele não é apenas um indivíduo isolado em sua solidão; é o ponto de convergência de forças sociais, econômicas e psicológicas que o moldam e, concomitantemente, o oprimem. Sua pobreza, sua ambição frustrada de escritor, sua busca por afeto e sua misoginia são fios intrínsecos que se conectam a uma realidade social mais ampla. A totalidade se manifesta na forma como sua experiência pessoal é indissociável das condições materiais e ideológicas da pequena burguesia urbana do Brasil do início do século XX.

Sua percepção da realidade, embora turva e obsessiva, é o meio pelo qual a obra revela essa totalidade. Luís não consegue separar sua vida íntima do ambiente que o cerca, dos odores da rua, da pobreza dos jornais, da mesquinhez dos colegas. Observe como ele conecta sua condição ao entorno: “Ficam dias inteiros fuxicando nos cafés e preguiçando, indecentes. Quando avisto essa cambada, encolho-me colo-me às paredes como um rato assustado. Como um rato, exatamente (Ramos, 2024, p. 6).

Esse trecho não é apenas uma descrição de um estado de espírito; é a interpenetração do eu com o ambiente, um testemunho da totalidade material e espiritual que o aprisiona. A angústia de Luís é o fio que costura as camadas da realidade: a econômica (salário baixo), a social (seu lugar na hierarquia), a psicológica (o ressentimento) e a ideológica (a hipocrisia).

Como não mencionar Marina, a figura catalisadora da trama, que é um nó vital na teia da totalidade social. Ela não pode ser compreendida apenas como um interesse amoroso ou um objeto de desejo; sua existência é o resultado de uma complexa intersecção de fatores socioeconômicos e de gênero. Sua beleza, sua busca por ascensão, sua vulnerabilidade e suas escolhas são inseparáveis das restrições e oportunidades que a sociedade lhe impõe.

Assim, a totalidade se revela na forma como Marina, em sua singularidade, espelha a condição da mulher em uma sociedade patriarcal e desigual. Seu corpo, seu desejo, suas aspirações e sua tragédia são atravessados por relações de poder, pela escassez de recursos e pela instrumentalização feminina, afinal, “Marina fazia água na boca dos homens (*op. cit.*, p. 90). O romance não a apresenta isoladamente, mas a situa em uma rede de dependências e explorações, evidenciando como as dimensões pessoais, econômicas e morais se fundem. A percepção de Luís sobre ela, embora enviesada, insere-a nesse complexo:

Assim, acabei de encalacrar-me. Marina recebeu os panos friamente, insensível ao sacrifício que eu fazia, aquela ingrata. [...] Virada para um sujeito que podia pagar-lhe camisas de seda, meias de seda. [...] Escolher marido por dinheiro. Que miséria! Não há pior espécie de prostituição (*op. cit.*, p. 80-81, adaptação poética de trechos).

Aqui, entendo Marina como uma metáfora da “invenção da miséria”, não por sua escolha, mas como produto de um (cis) tema<sup>5</sup>. Sua existência é umbilicalmente ligada ao “vento das oportunidades”, evidenciando a totalidade das forças sociais que a moldam e ladrilham a sua sorte.

Por fim, temos Julião Tavares que é a manifestação moral e física do poder opressor, o outro polo da totalidade que esmaga Luís e consome Marina. Sua figura gorda, sua voz autoritária e sua moralidade flexível são elementos que se conectam diretamente à estrutura de poder e à corrupção da época. Ele não é apenas um

---

5 Estabeleço um trocadilho crítico à hegemonia da cisgeneridade e, portanto, ao padrão binário, limitador de corpos e identidades.

indivíduo; é a encarnação do latifúndio em transição para o poder urbano, do coronelismo que migra para os escritórios e gabinetes, mantendo sua brutalidade.

Sua totalidade reside na forma como ele integra o poder econômico (dono de terras e negócios), o poder social (sua influência e prestígio) e o poder simbólico (o respeito forçado que impõe). As relações que estabelece são sempre de dominação, revelando a teia de submissão que permeia a sociedade. Sua presença completa o quadro da totalidade opressiva de *Angústia*: “Por que era que aquele sem-vergonha caminhava como se estivesse em casa, pisando no chão pago? [...] Aqueles modos davam-me a impressão de que tudo em roda era dele. Os passeios públicos eram dele [...]” (op. cit., p. 168).

Nesse trecho, a figura de Julião é elevada à categoria de “força natural”, que não se limita a sua pessoa, mas que se estende por toda a cidade, sobre os homens e até mesmo sobre a “lei”. Ele é a personificação da totalidade do poder que oprime, um elemento orgânico do sistema, sem o qual o quadro de *Angústia* não estaria completo.

Assim sendo, em *Angústia*, Graciliano Ramos não apresenta uma série de eventos desconexos ou personagens isolados. Ele constrói uma **totalidade orgânica**, onde a angústia individual de Luís da Silva é o sintoma de uma angústia social mais vasta. Marina e Julião Tavares são as faces dessa mesma moeda, cada um revelando uma dimensão particular da opressão e da crise. A obra é um organismo vivo, cujas partes se interligam e se explicam mutuamente, proporcionando ao leitor uma compreensão profunda e, ao mesmo tempo, caótica não apenas dos destinos individuais, mas da própria essência da sociedade retratada. A fragmentação na mente do narrador, paradoxalmente, serve para realçar a inelutável totalidade do mundo que o cerca e o devora.

Sob a ótica lukacsiana, a angústia do narrador herdeiro pode ser interpretada como a manifestação individual de uma alienação mais ampla, como uma busca frustrada por totalidade, enraizada nas estruturas sociais que o oprimem e o impedem de alcançar sua plena humanidade. Em face, sua visão de mundo

estreita e egocêntrica o impede de compreender a complexidade de Marina e de estabelecer uma relação baseada no respeito e na reciprocidade, revelando estar preso ao espectro do “não-ser”, o qual é acometido pela inércia de não existir ontologicamente. No entanto, essa busca por sentido é fadada ao fracasso, pois se baseia em uma visão distorcida da realidade.

A tragédia da não totalidade reside na fragmentação da existência humana dentro da sociedade capitalista; “assim, estabelece a modernidade como era da cisão e do abismo entre interioridade e mundo exterior, a perda da totalidade: o mundo exterior perdeu a sua substância e a alma perdeu o seu substrato de ação.” (Cotrim, 2011, p. 574). O indivíduo se vê alienado de si mesmo, do seu trabalho, dos outros e da própria totalidade social. Essa alienação impede a realização plena do ser humano, confinando-o a uma experiência incompleta e marcada pela estranheza. Luís personifica essa tragédia de maneira visceral.

Lukács acreditava que a grande arte realista deve ser capaz de retratar a totalidade da vida humana, incluindo seus aspectos trágicos e contraditórios. Em *Angústia*, Graciliano Ramos não oferece soluções fáceis nem finais felizes. A obra termina com a sensação de que a angústia e a solidão são inerentes à condição humana em um mundo quebrado e alienado.

## O NARRADOR HERDEIRO E A BUSCA POR AUTOCOMPREENSÃO E RESISTÊNCIA

Ao analisarmos Luís da Silva como um narrador herdeiro, é essencial compreender como sua trajetória e suas angústias são moldadas por um contexto oligárquico e patriarcal que, embora lhe tenha conferido privilégios, também o aprisiona em um ciclo de ressentimento, frustração e alienação. Este capítulo se propõe a explorar essa “herança”, bem como as implicações disso em sua transição de um mundo rural para um ambiente urbano, marcado por sua incapacidade de se adaptar e encontrar seu lugar.

Luís da Silva é produto de uma sociedade que prioriza os laços familiares (hierárquicos), a tradição (escravocrata) e a propriedade rural (latifúndio aristocrata). Como neto de um fazendeiro de tempos remotos, seu Trajano, ele herdaria não apenas a riqueza material (que não se consuma), mas também uma série de expectativas sociais que o colocariam em uma posição de privilégio. No entanto, essa herança é ambivalente: enquanto lhe confere uma certa posição de destaque no mundo rural (agora idealizado), também o insere em um sistema que valoriza a masculinidade e a dominação, perpetuando valores que se tornam opressivos. Assim, a sua condição de narrador herdeiro se revela não como uma vantagem, mas como uma falta, uma armadilha que o aprisiona em um modelo de masculinidade que não consegue sustentar em sua nova realidade – sem família e sem poder.

Logo entendemos que essa herança – também refletida na figura do fazendeiro – molda o caráter de Luís, que, ao ser forçado a abandonar esse mundo ideal, enfrenta uma crise de identidade e masculinidade: ele não é apenas um homem que perdeu sua posição social, mas também um indivíduo que se vê despojado de uma narrativa que lhe era familiar.

Isso posto, a mudança de Luís da Silva para o ambiente citadino representa um deslocamento doloroso. O campo, com suas tradições e modos de vida, é substituído por uma cidade que lhe é estranha e hostil. Essa transição, marcada pela angústia, não se limita à mudança geográfica; é também uma mudança de identidade. Luís se vê forçado a enfrentar o abismo entre o “passado cômodo” de sua infância e a dura realidade de sua vida como funcionário público mal pago (mais um Silva). “Tenho-me esforçado por tornar-me criança – e em consequência misturo coisas atuais a coisas antigas.” (Ramos, 2024, p. 15). A resistência à mudança torna-se um tema central na sua narrativa, pois ele se debate entre o desejo de adaptação e a nostalgia por um passado que lhe proporciona segurança, mesmo que ilusória – um apego à infância como inocência e resistência.

A própria narrativa em primeira pessoa de Luís da Silva pode ser vista como uma tentativa, ainda que tortuosa e fracassa-

da, de compreender a sua própria condição: “Considerava-me um valor, valor miúdo, uma espécie de níquel social, mas enfim valor.” (*op. cit.*, 2024, p. 34). Ao narrar sua história, ele busca dar sentido ao seu sofrimento e encontrar as raízes de sua angústia. Essa busca, mesmo que não o leve à libertação, representa um movimento em direção à consciência de si, um primeiro passo para superar a alienação da própria mente.

Portanto, a frustração de Luís é palpável. Ao deixar de ser o neto do fazendeiro – evito abordar o pai, haja vista a relação conturbada e violenta deste para com o narrador herdeiro, o qual costuma tomar a figura do avô como memória de força e liderança –, ele se vê reduzido a um “fracassado”, um homem cuja identidade e valor social foram corroídos pela nova ordem burguesa que ascendia na sociedade brasileira. O ressentimento que herda de sua origem se transforma em uma espécie de grillhão invisível que o impede de avançar – seguir adiante se torna distante. Essa condição o torna um personagem recalcado (penso também o espectro psicanalítico), que se vê constantemente em conflito com suas aspirações e sua realidade. O descompasso entre o que ele foi e o que é, à época, gera uma angústia que permeia sua existência, refletindo uma crítica à fragilidade das estruturas sociais que sustentam o poder e a masculinidade.

O fato era que a transição para uma sociedade burguesa, mesmo que periférica e emergente, trazia consigo novos desafios para Luís. Sua incapacidade de se inserir naquele novo contexto revelava a dependência de um sistema que o solapava: “Entro no quarto, procuro um refúgio no passado. Mas não me posso esconder inteiramente nele. Não sou o que era naquele tempo. Falta-me tranquilidade, falta-me inocência, estou feito um molambo que a cidade puiu demais e sujou” (*op. cit.*, p. 18). Como funcionário público, ele não apenas experimentou a decadência de seu status, mas também a impotência diante de uma estrutura que não o reconhecia. A falta de oportunidades e a desvalorização de sua figura geram um ciclo de desesperança que se agrava ao longo da narrativa. A sociedade que deveria acolhê-lo, na ver-

dade, exclui-o, reforçando sua condição de *outsider* e acentuando sua angústia.

Em seus contidos momentos de lucidez, o narrador herdeiro demonstra um certo distanciamento crítico em relação à burguesia e aos valores da sociedade em que vive; através de um dos seus tantos monólogos, ele em “consciência passiva”<sup>6</sup> enuncia que “Está claro que todo o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os outros, diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luís da Silva qualquer” (*op. cit.*, p. 18-19). Suas observações ácidas e irônicas revelam uma percepção, embora desorganizada, das desigualdades e da hipocrisia social. Essa crítica, mesmo que não se traduza em ação, representa uma fissura na aceitação passiva da ordem estabelecida.

Isso posto, diante da realidade degradante que o assombra, esse narrador herdeiro busca refúgio na memória da infância. Essa linha de fuga, embora nostálgica, revela-se como um mecanismo de defesa e resistência contra a angústia do presente. As lembranças de um tempo em que era o “herdeiro” de um legado, ainda que ilusório, fornecem um alicerce emocional que o impede de sucumbir ao desespero. Essa busca pela segurança do passado, no entanto, é paradoxal, pois ao mesmo tempo em que proporciona um alívio temporário, também o distancia da necessidade de enfrentar e transformar sua condição atual.

A própria intensidade da angústia e da inconstância do narrador herdeiro pode ser interpretada como uma denúncia da desumanização e do sofrimento causados pela (auto)alienação. Sua dor lancinante expõe as feridas de uma existência oprimida e questiona a normalidade de uma sociedade que produz tamanha infelicidade. Portanto, “os elementos de ordem social serão filtrados através de uma concepção estética e trazidos ao nível da fatura, para entender a singularidade e a autonomia da obra.” (Candido, 2006, p. 25).

---

6 Intento empregar, nesse contexto, um caráter de “instante de consciência”, sem uma prática ativa.

Em que pese o quadro sombrio de alienação, a obra *Angústia* também apresenta, ainda que de forma incipiente e ambígua, elementos de resistência. Essa resistência não se manifesta como uma ação política organizada, mas sim em lampejos de consciência e em tentativas frustradas de romper com o ciclo de opressão. Logo me vem à memória a cena em que Luís, acompanhando o conflito (da indesejável gravidez) entre Marina e sua mãe, sucumbe à lucidez: “Marina era instrumento e merecia compaixão. D. Adélia era instrumento e merecia compaixão. Julião Tavares era também instrumento, mas não senti pena dele” (Ramos, 2024, p. 130).

A análise de Luís da Silva nos convida a refletir sobre as complexidades da formação social brasileira e os desafios enfrentados por aqueles que, como ele, buscam um lugar em um mundo em constante mudança. Assim, a figura do narrador herdeiro é emblemática de uma sociedade em transição, marcada por conflitos de classe, gênero e identidade. A herança que carrega não é apenas um reflexo de privilégios, mas também um fardo que o mantém preso em um ciclo tóxico de ressentimento e frustração. Sua transição do rural para o cidadão, repleta de angústia e resistência, revela as tensões de uma identidade em crise, enquanto sua memória da infância serve como um eco de um passado que lhe oferece consolo, mas também o impede de avançar.

O romance oferece um retrato pungente das profundezas da alienação na sociedade moderna e capitalista, com seus efeitos corrosivos sobre a subjetividade humana. Ao mesmo tempo, vislumbra tênues lampejos de resistência, que, embora não alcancem a plenitude da transformação, apontam para a potencialidade humana de questionar e lutar contra as forças que a oprimem, revelando as imbricações entre a experiência individual e as estruturas sociais mais amplas.

Em suma, é crucial notar que, em *Angústia*, a dialética da alienação e da resistência permanece inconclusa. A resistência do narrador herdeiro é frágil, individual e, em última instância, autodestrutiva. Ele não consegue transcender completamente sua condição alienada nem encontrar um caminho para a verdadeira

emancipação. Sob a ótica lukacsiana, entendo que isso reflete a dificuldade de um indivíduo isolado e sem consciência de classe em superar as estruturas opressoras da sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS: UM MONUMENTO AO REALISMO CRÍTICO

Apesar de ter sido escrita na década de 1930, *Angústia* continua sendo uma obra atual e relevante, haja vista os temas que ela aborda, como a alienação, a obsessão, a violência e a dificuldade de se relacionar em um mundo individualista, os quais estão impregnados e presentes na sociedade. A obra nos convida a deliberar sobre as causas do sofrimento humano e sobre os desafios de construir relações mais saudáveis e significativas.

A narrativa fragmentada e introspectiva, a linguagem seca e lancinante, e a ausência de idealização contribuem para uma representação verossímil e visceral da condição humana. *Angústia* não oferece soluções fáceis ou redenções simplistas; ao contrário, mergulha nas profundezas da psiquê de seus personagens, revelando as contradições e os conflitos que os aprisionam. Ao fazê-lo, a obra se erige como um poderoso monumento ao realismo crítico, capaz de suscitar reflexões profundas sobre a natureza da alienação e a busca incessante por totalidade em um mundo fragmentado. A análise sob a perspectiva lukacsiana enriquece nossa compreensão da obra, revelando a maestria com que Graciliano Ramos captura a essência da angústia humana em sua intrínseca relação com as estruturas sociais.

Adiante, a tipicidade permite que Graciliano Ramos transcenda o individual para revelar o social. Luís da Silva, Marina e Julião Tavares são construídos de maneira tão detalhada e psicológica que suas ações e conflitos são profundamente humanos, ao mesmo tempo que revelam as forças essenciais da sociedade em que vivem. Eles não são meros exemplos de uma classe, mas sim a personificação viva da angústia e da opressão que caracterizam a realidade social e histórica da obra.

Face o exposto, *Angústia* pode ser lida como uma crítica à sociedade capitalista e à masculinidade, que promove a competição, a coisificação das relações e a fragmentação da experiência humana. Esse romance, com seu apelo reflexivo e íntimo, incita-nos a lembrar da inexorabilidade de lutar por um mundo mais isonômico, menos elitista e hierárquico, em que os indivíduos possam se realizar plenamente e se relacionar de forma autêntica. A análise da obra à luz da teoria lukacsiana nos permite compreender sua riqueza e sua complexidade, revelando sua capacidade de dialogar com o presente e de nos fazer refletir sobre os rumos da nossa sociedade.

A obra se revela, pois, de profunda ressonância com os princípios da estética realista de György Lukács, Angel Rama e Antonio Candido. Através da exploração das complexas trajetórias de um narrador herdeiro, o romance expõe as mazelas da alienação (numa esfera econômica, trabalhista, criativa, interrelacional e da própria consciência), a dificuldade da busca por autonomia e a influência determinante do contexto social na formação da subjetividade.

Ora, entendamos que a ideologia dominante na sociedade capitalista internaliza-se nos indivíduos, obscurecendo sua capacidade de pensamento crítico e de reconhecer as verdadeiras causas de seu sofrimento. Então, a angústia constante e perene do narrador herdeiro é, em grande parte, o sintoma dessa alienação da própria consciência, elemento constitutivo das nossas estruturas (inter)subjetivas.

A análise de Luís da Silva como narrador herdeiro, em *Angústia*, não apenas ilumina a complexidade da obra de Graciliano, mas também ressoa com questões contemporâneas. A luta de Luís para encontrar seu lugar em um mundo em mudança reflete as experiências de muitos indivíduos hoje, que navegam por sistemas sociais que frequentemente os excluem: a obra se mantém relevante, convidando leitores a refletirem sobre a intersecção entre identidade, memória e a busca por pertencimento.

Em síntese, essa exploração da obra pode abrir portas para novas discussões sobre a formação social brasileira, as dinâmicas

de poder e a resistência que surgem em contextos de mudança. A arte, afinal, é o lugar onde a singularidade do indivíduo se encontra com a vastidão do social, tecendo verdades que transcendem o tempo.

## REFERÊNCIAS

CANDIDO, Antonio. “Literatura e subdesenvolvimento”. In: *A educação pela noite e outros ensaios*. São Paulo: Editora Ática, 1989. p. 140-162.

CANDIDO, Antonio. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Todavia, 2023.

COTRIM, Ana. “Reflexos da guinada marxista de Georg Lukács na sua teoria do romance”. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, v. 43, 2011.

LUKÁCS, Gyorgy. “O romance como epopeia burguesa”. In. *Arte e sociedade: escritos estéticos 1932–1967*. Org. e trad.: Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009. p. 193–243.

RAMA, Ángel. *Literatura e cultura na América Latina*. Org.: Flávio Aguiar e Sandra Guardini T. Vasconcelos. Trad.: Raquel la Corte dos Santos e Elza Gasparotto. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. Barueri: Editora Itatiaia, 2024.

OTSUKA, Edu Teruki. “Lukács, realismo, experiência periférica (anotações de leitura)”. *Literatura e Sociedade*, v. 15, n. 13, p. 36-45, 2010.